

Linguagens em conflitos do dizer/ler

Maria Nazareth Soares Fonseca*

Resumo

A análise de diferentes tipos de texto literário procurará evidenciar o modo como a literatura se vale de diversas estratégias discursivas para encenar determinados espaços de exclusão social e/ou racial e os sujeitos que aí transitam. A linguagem dos textos é a arena em que conflitos se materializam em modos de dizer e de ler.

Palavras-chave: Estratégias discursivas; Sujeito e sentido; Escrita literária; Modos de dizer e de ler.

Ao escreveres um poema
Não dêes demasiada importância às palavras.
No poema, as palavras
Não existem verdadeiramente,
Não têm existência de fato.
No poema, as palavras
Não têm consistência, nem são sensíveis ao tacto.
(VIEGAS, 1981, p. 27)

No texto “Leitura e produção de sentidos”, publicado há algum tempo, procurei discutir questões relacionadas à leitura do texto literário e alicerçadas em pontos de vista solicitados à teoria da recepção e à análise do discurso. Questões principalmente atentas a propostas de leitura experimentadas em sala de aula, com alunos de diferentes níveis. Naquele texto, procurei ressaltar uma questão que se foi fortalecendo ao longo do trabalho efetivo com textos poéticos, narrativos, dramáticos: a leitura/interpretação do texto literário exige do leitor bem mais do que a capacidade de reconhecer os modos de organização do texto, a habilidade de produzir inferências lógicas ou de decodificar as inten-

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

ções que se mostram no nível dos enunciados. O trabalho com diferentes tipos de texto literário e diferentes tipos de leitor reiterou a constatação de que cada leitor se apossa de marcas fornecidas pelos textos a partir de um modo específico de organizar a sua leitura. Nessa atividade, determinadas quebras intencionais de padrões estabelecidos pelo sistema da língua podem funcionar como impulso à criação de relações inesperadas e à produção de sentidos muitas vezes imprevisíveis, que reforçam uma espécie de perturbação no modo como o leitor apreende determinadas operações propostas pelo trabalho com a materialidade da escrita e opera conexões que tanto podem se fixar no enunciado, quanto expandir o lugar da enunciação. Por outro lado, outros recursos apresentados pelo texto podem não ser considerados pelo leitor no pacto de leitura proposto por ele. Assim, o texto, tomado como objeto de leitura, será sempre reconstruído, reorganizado, ainda que exista uma espécie de “planta baixa” sobre a qual deslizam os investimentos de leitura provocados por determinadas ações propostas pelo leitor.

É sobre esse processo de intenções concretas – porque presentes em gestos de escrita – ou de intenções “fingidas” de que o leitor se apropria para alicerçar o olhar sobre o texto que pretendo falar neste momento, ampliando a discussão em torno das interseções entre língua e literatura.

No processo de leitura do texto literário, parecem existir “outros tipos de atenção” (CULLER, 1999, p. 89), motivados por elementos inscritos ou apenas sugeridos nos enunciados, os quais podem propiciar uma aproximação maior do texto com o leitor, ainda que não possam ser tomados como únicos motivadores da leitura do texto. Um dos diversos tipos de atenção a que se refere Culler poderia estar configurado, por exemplo, no modo como se constroem, no texto, as configurações espaciais, vistas como elemento de uma estrutura organizacional que instiga o leitor a observar as relações que os textos estabelecem com outros textos e com questões presentes no contexto extralingüístico. Explora-se nessa direção a capacidade da literatura de ultrapassar os sentidos aparentemente instalados na materialidade do texto e de utilizar recursos expressivos que instigam as relações que o texto procura estabelecer com outras produções discursivas. O deslocamento da letra para outros espaços legitima a produção de diálogos com recursos significativos próprios de outras linguagens e suscita a percepção dos conflitos gestados entre o dizer e o ler.

Talvez fosse preciso, para melhor compreender as relações que o leitor estabelece com o texto, voltar ao gesto que cobre de signos a folha de papel e perceber esse gesto como realizado por um corpo que se anima e como esforço para interagir com “outros corpos com os quais ele, o corpo daquele que escreve, forma uma comunidade” (RANCIÈRE, 1995, p. 7). A percepção dos gestos de escrita e do esforço que concretizam para alcançar os olhos do leitor faz-se coeren-

te com o que Jacques Rancière (1995) denomina de “partilha do sensível”, entendida como “o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum compartilhado e a divisão de partes exclusivas” (p. 7). Tal visão convida a refletir sobre o modo político da literatura, porque capaz de “dar aos enunciados flutuantes de uma escrita democrática uma carne antiliterária” e “de fazer com que os enunciados flutuantes pareçam carregar consigo o corpo vivo de sua própria enunciação” (p. 17). A “carnadura” da língua faz-se figuração de um corpo que fala; a escrita mostra-se como manifestação de um corpo “enraizado em um lugar”.

Na leitura dos textos que se seguem, o elemento “espaço” foi privilegiado como operador da leitura de textos literários que propõem trazer à cena enunciativa as pulsações de um corpo social.

No primeiro texto, o discurso do narrador destaca aspectos significativos de um cenário enquadrado a partir de elementos que compõem a intenção de mostrar ao leitor uma realidade que só aparentemente se contrapõe à motivação sugerida pelo macroespaço que inspira o texto.

O sol forte apenas resistia, as crianças arriavam as pipas, os trabalhadores chegavam em ônibus lotados, o pessoal que estudava à noite se movimentava para a escola, os poucos padeiros da tarde se recolhiam, os trabalhadores enchiam as biroschas para tomar sagrado aperitivo. (LINS, 2003, p. 49)

Algumas características do espaço focalizado, construído a partir de referências a uma realidade socioespacial nomeada, são importantes dados da “intenção realista” assumida pela instância narradora para aludir aos territórios que a cidade agrega dentro de um espaço único. Para a demarcação desse território, vistoriado com a acuidade de quem bem conhece as suas entranhas, são importantes, no fragmento, algumas informações que nos ajudam a caracterizar o macroespaço romanesco de onde foi extraída a citação: a referência aos “ônibus lotados” e “às biroschas” contribui para a construção de sentidos que ultrapassam as informações contidas nos enunciados introdutórios: “O sol forte apenas resistia, as crianças arriavam as pipas...”. Esses enunciados, ressaltados como significantes do espaço focado, ajustam-se à intenção realista do texto, anunciada no detalhamento do quadro composto de padarias, biroschas, mas também de trabalhadores e estudantes. Os aspectos espaciais, no fragmento, indicam, portanto, possibilidades de se acessar o macroespaço que o romance **Cidade de Deus**, de Paulo Lins, desvenda para o leitor. O macroespaço está significado, no fragmento, por informações que ressaltarão, ao longo do romance, as marcações de um espaço sociopolítico construído e nomeado como Cidade de Deus, o qual pode ser lido como metonímia de espaços de exclusão caracterizados por alto índice de violência.

A descrição de cenas do espaço social, em outro fragmento, se faz, como no anterior, pela focalização de aspectos que sugerem a preocupação do narrador com a visualização de detalhes.

A noite se fez a dona do pedaço. As lâmpadas da rua faziam mariposas se aglomerarem em um poste sim e no outro não. Lá em cima, um bando de crianças perguntava ao Baiano pelos bichos-soltos. Queriam comemorar suas façanhas com os mestres. Velhos, grávidas e bêbados do centro da cidade sentiram, naquele dia, sua fragilidade diante das mãos infantis e ávidas (LINS, 2003, p. 50).

A estruturação do fragmento assemelha-se ao anterior. A descrição realista reforça aspectos relacionados com a intenção de situar as ações que se desenvolvem. Nesse fragmento o leitor será atraído muito mais pela intenção narrativa do texto do que pelas marcas descritivas que, menos intensas do que no fragmento anterior, ainda assim compõem um lugar. Marcadores temporais como o dêitico “lá em cima” e expressões como “bichos-soltos” permitem a extrapolação do texto para um contexto de insegurança e violência, sugerido particularmente na última frase do fragmento.

Observemos, por outro lado, as indicações espaciais exploradas pelo escritor mineiro Marcos Dias, em livro lançado na comemoração dos 100 anos de Belo Horizonte, em 1997. Recursos textuais presentes em alguns poemas são postos em relação com outras estratégias criativas obtidas por um modo bem particular de uso da escrita literária.

Exploram-se, de forma instigante, o espaço da folha de papel e o modo de organização das palavras para a composição dos poemas. O livro **Estudos sobre a cidade (& exercícios de sobrevivência)** faz-se, assim, espaço de concretização de “guerras de linguagens”, através das quais o texto distende-se para outros espaços visitados com a intenção de torná-los visíveis àqueles que se deixavam hipnotizar pelas reconstruções e rearranjos voltados para a celebração dos 100 anos da cidade. Na contramão das celebrações, o poeta percorre os espaços degradados da cidade, os becos, as favelas, as sarjetas, explorando estruturas sintático-semânticas e formas visuais que dão aos seus poemas uma outra dimensão significativa.

No poema “Taquaril & Cia” (Fig. 1), as indicações espaciais são construídas por recursos que se mostram no modo de organização das palavras, possibilitando a leitura/visão de um espaço físico-geográfico extralingüístico e de estratégias que explicitam os sentidos político-sociais agenciados.

A precariedade do espaço em que se constroem as favelas de Belo Horizonte – da qual a do Taquaril é referência significativa – explicita-se no modo como se escrevem os versos e se organizam as estrofes. Recursos gráficos, como os construídos a partir de uma releitura irônica (e amarga) do provérbio popular

“depois da tempestade vem a bonança”, instigam deslocamentos de sentidos. O trabalho gráfico concretiza a sugestão de desmoronamento e se faz agenciador de dados de um espaço físico que o poema retoma. Os recursos da escrita remetem aos desabamentos frequentes nas favelas, que podem ser percebidos tanto nos versos iniciais, quanto nos cortes de palavras e na colocação inusitada das vírgulas e dos dois pontos. Para que a intenção crítica do poema não se perca, a proposta espera alcançar um leitor capaz de reconhecer a circulação de sentidos no espaço do texto, motivada por agenciamentos linguageiros e por determinadas relações com uma realidade extralingüística constantemente referida. Algumas destas, como na segunda estrofe, atualizam a referência a problemas comuns aos grandes centros urbanos, como a ocupação desordena-

da das áreas de risco por indivíduos que não conseguem se incluir no plano arquitetônico das cidades. O poema explora o tema utilizando o erotismo, que reforça a teimosia dos “barracos desajeitados” como um impulso à sobrevivência dos que se agarram aos morros frágeis. O apelo ao erotismo é também motivação para que a precariedade dos barracos e os constantes desmoronamentos sejam relidos como insistência da vida em resistir aos ventos, às chuvas fortes e, principalmente, à inexistência de ações concretas contra a situação.

Explicita-se, no poema, o jogo aberto com que a literatura assume a tarefa

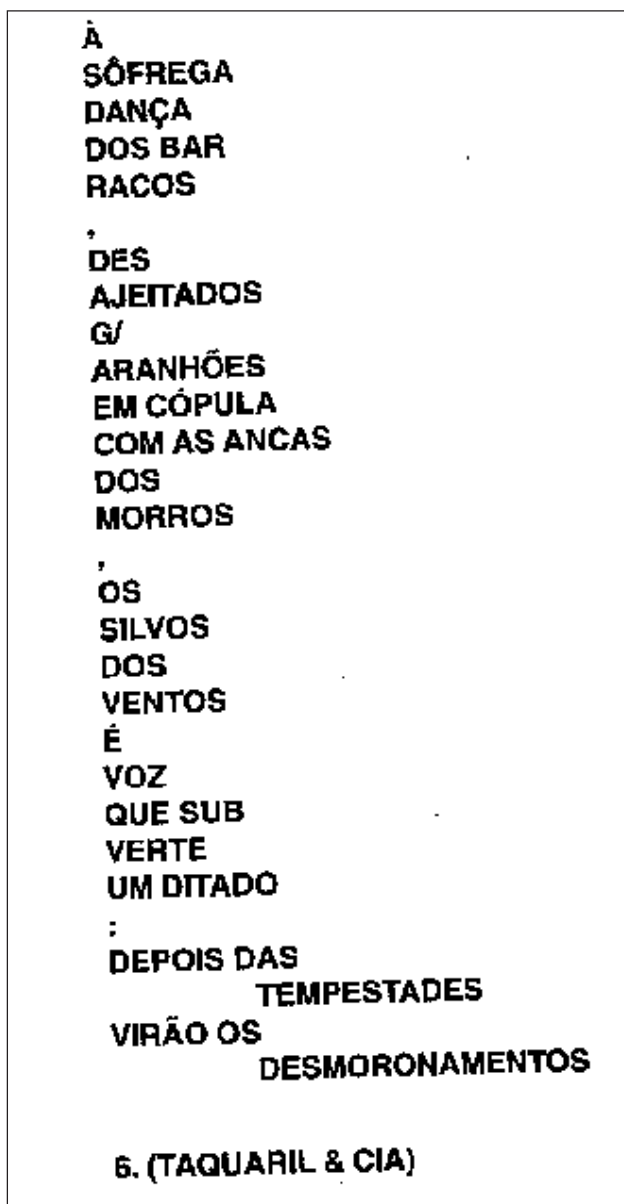


Figura 1.

de reproduzir as palavras e as frases de todo mundo – a expressão é ainda de Rancière –, fazendo interagir diferentes perturbações na produção de efeitos de sentido: aquelas que se inscrevem na feitura do texto e as que o leitor agencia para construir o seu modo de ler, a sua interação corporal com o texto.

Um outro poema do autor radicaliza o trabalho com a linguagem para explicitar a relação com o social, que nele pode ser percebido de forma mais intensa (Fig. 2).

Arranjos verbais e visuais dificultam, numa primeira leitura, a compreensão do texto. A opção por letras em caixa alta, pela divisão das palavras contra as regras gramaticais, a supressão de grafemas e a indicação de diferentes direções para a decodificação do significante pretendem criar uma resistência à leitura linear. Todavia, o leitor atento terá condição de perceber peculiaridades no modo como o texto ocupa a página ou como as palavras são agrupadas nos versos e estes nas estrofes, ou mesmo na direção apontada pelo título, bastante sugestivo e instigador de entrada no texto por diversos becos textuais.

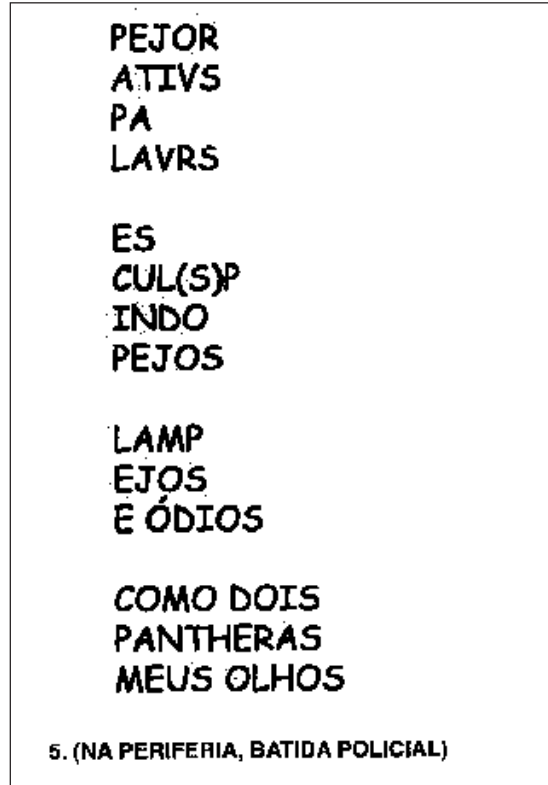


Figura 2.

Observam-se possibilidades de intervenção no significante e a construção de diferentes direções de leitura, como em “esculpindo pejos”, que também pode ser lido como “cuspindo pejos”. É importante também observar a intenção do poema de se construir como uma fala de “gueto”, de grupo, de “ganguê”, que se esconde na linguagem cifrada para enfrentar a batida policial anunciada no título, mas também constrói espaços interativos em que a língua ganha outros contornos. O poema torna perceptível a motivação para se lê-lo como uma mensagem cifrada, como um *rap* ou em performances entre palavra e gestos, palavra e movimentos corporais.

A visualização dos espaços periféricos, aspecto constante dos poemas que compõem o bloco “Instantâneos e circunstanciais” do livro de Marcos Dias, torna-se, assim, parte integrante da significação crítico-social do poema. O aspecto visual é, pois, importante nos arranjos que o poeta elabora com as palavras. E a

leitura do poema demanda, por isso, a percepção do modo como o poeta se apropria da escrita literária para levar ao leitor o seu olhar sobre a questão social.

Também no miniconto “Morro”, de Cuti (1996), o espaço das favelas é focalizado de forma a associar os deslizamentos e as mortes daí decorrentes à precariedade da vida dos excluídos, marginalizados por um sistema econômico perverso. O foco da narrativa se ajusta à tragédia que se abate sobre o narrador, remarcando as interações entre o homem e o lugar social que lhe é determinado:

Morro

Choveu mais da conta. A casa caiu em cima da família. Perda completa. Vivo, ele restou soterrado de morte.

Com o tempo pensou na ressurreição, no renascimento para longe da angústia e das lágrimas. Casou de novo. Mas caiu feito barro mole, sobre a nova família. Impregnou a todos. (p. 31)

A focalização espacial é aí um dado da significação produzida por recursos linguageiros que reconstroem a metáfora do deslizamento em diferentes instâncias. No título, o sentido do substantivo “morro” logo desliza para outro que se relaciona com o verbo “morrer”. No corpo do texto, o deslizamento causa a destruição da casa e de vidas, mas também insiste na incapacidade de soerguimento do indivíduo. De algum modo, a pequena narrativa recupera sentidos contidos no poema de Marcos Dias e que se relacionam com a precariedade das construções em locais impróprios para a vida humana. A configuração espacial motiva significações metafóricas que distendem a visualização da favela para acolher questões associadas à precariedade de lugares definidos e à impossibilidade de a “ressurreição” e o “renascimento” anunciados garantirem nova forma de vida. Nesse sentido, pode-se entender a expressão “barro mole” também como metáfora da incapacidade de serem garantidas, nos espaços minados pela precariedade, formas de vida saudável e não geradoras de sofrimento.

A exploração de recursos como o uso de frases curtas no início e no fim da narrativa, a ambigüidade que, inscrita no título, atravessa todo o conto e, particularmente, a ironia com que o narrador contabiliza as perdas e as conseqüências da precariedade da vida de indivíduos marcados para sofrer, dão à pequena narrativa grande força expressiva. Esse pequeno texto não se preocupa em descrever aspectos do espaço que focaliza. Refere-se à chuva, à destruição da casa e da família, mas se detém na exploração dos sentidos que a “perda completa” produz. A narrativa frisa questões de um espaço socioeconômico e expõe conflitos próprios da paisagem urbana. A literatura propicia a construção de um olhar que, lendo as letras, perscruta os conflitos da cidade.

Vê-se, pois, nos textos examinados, que as referências espaciais e as construções metafóricas podem ser excelentes auxiliares para uma leitura mais perti-

nente de textos literários, porque ajudam a compreender as relações que estes produzem a partir do momento em que o leitor lança sobre eles o seu olhar curioso ou indagador. Motivados por uma perturbação que impulsiona diferentes relações do texto com outros textos, os gestos de leitura ativam, como vimos, peculiaridades do trabalho que a literatura realiza ao tomar como tema a paisagem urbana.

Résumé

Cette analyse de certains types de texte littéraire essaie de rendre évident l'emploi de différentes stratégies discursives pour mettre en scène quelques espaces d'exclusion sociale et/ou raciale et les sujets qui y transitent. Le langage devient l'arène où plusieurs conflits se matérialisent dans des modes de dire et de lire.

Mots-clé: Stratégies discursives; Sujet et sens; Écriture littéraire; Modes de dire et lire.

Referências

CULLER, Jonathan. **Teoria da literatura**: uma introdução. Trad. de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

CUTI (Luiz Silva). **Negros em contos**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1996.

FONSECA, Maria Nazareth. Texto literário: condições de produção de sentido. In: **Itinerários**: revista de literatura, Araraquara, SP, n. 17-18, p. 35-48, 2001.

DIAS, Marcos. **Estudos sobre a cidade (& exercícios de sobrevivência)**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PAULINO, Graça *et al.* **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato, 2001.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Trad. de Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

VIEGAS, Jorge. Ao escreveres um poema. In: VIEGAS, Jorge. **O núcleo tenaz**. Lisboa: Edições 70, 1981. p. 27.